



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**FRANCISCA VIEIRA BARBOSA**

**LEITURA:  
SEMEADURA DE CONHECIMENTO**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2008**

**FRANCISCA VIEIRA BARBOSA**

**LEITURA:  
SEMEADURA DE CONHECIMENTO**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.**

**Orientadora Professora Ma. Maria Janete de Lima.**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2008**



B2381 Barbosa, Francisca Vieira.  
Leitura: sementeira de conhecimento / Francisca Vieira  
Barbosa.- Cajazeiras, 2008.  
45f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de  
Professores, 2008.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Aquisição de leitura - dificuldades. 2. Leitura -  
ensino. 3. Aprendizagem de leitura. 4. Atividades de  
leitura. 5. Formação de leitor. I. Lima, Maria Janete de.  
II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de  
Formação de Professores. IV. Título

CDU 028

**FRANCISCA VIEIRA BARBOSA**

**LEITURA: SEMEADURA DE CONHECIMENTO**

**APROVADA EM:** 05 / 04 / 2008

*Maria Janete de Lima*

---

**MS. Maria Janete de Lima**  
**Professora Orientadora**

**“Se muito vale o já feito,  
Mais vale o que será.  
E o que foi feito  
É preciso conhecer  
Para melhor prosseguir.”**

**Milton Nascimento/ Wagner Tiso**

Ao meu anjo da guarda

Minha filha, Ana Amélia, com a pureza  
seu coração me faz acreditar sempre  
um novo recomeço.

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CARACARAÍ - UNICE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIOLOGIA - BLOCO 01  
CARACARAÍ - PARANÁ

## **AGRADECIMENTOS**

Foram muitas as pessoas que colaboraram para a realização desse trabalho, no entanto manifestamos nossa gratidão de maneira especial e particular:

A **Deus** pela sua infinita bondade de permitir chegarmos até aqui.

A **Ms. Maria Janete de Lima** e Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras.

A nossa família e em especial a **Emersom Rogério Gadelha de Lima**, esposo e companheiro de todas as lutas, a **Elizabeth Vieira Barbosa e Eligidério Gadelha de Lima**

## RESUMO

Este estudo intitulado de **Leitura Semeadura de Conhecimento** é o resultado de estudo de caso, com o objetivo de contribuir para amenizar as dificuldades de aquisição da leitura no processo de ensino e aprendizagem. Para desenvolvermos esse trabalho partimos das dificuldades enfrentadas por professores e alunos da Escola Agripino Fernandes Das Chagas, localizada na cidade de Vieiropólis, enfocando questões referentes a atuação dos mesmos com o trabalho de leitura, como também as dificuldades de aquisição da leitura pelos educandos. O convívio com essas dificuldades na nossa prática docente nos levou a investigar e melhor compreender essa realidade. Nesse sentido traçamos inicialmente as seguintes metas: observar a criatividade do professor em atividades que envolvam a leitura, analisar a metodologia usada pelo professor para despertar no aluno o gosto pela leitura, investigar se o aluno compreende e desempenha-se na prática de leitura. A coleta dos dados foi realizada, a partir da aplicação de questionários, com educadores e educandos, como também observação das atividades desenvolvidas em sala de aula. A partir da coleta e análise desses dados elaboramos e desenvolvemos em sala de aula atividades aplicadas através da mediação e da interação entre educadores e educandos.

**Palavras-Chave:** leitura – dificuldades – compreensão – ensino – aprendizagem

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>CAPÍTULO I</b> .....	10
1.1 O papel da escola na formação de leitores.....	10
1.2 Leitura: formação para elem da escola.....	12
1.3 Efeito escola: formação de ledores.....	16
1.4 As contribuições dos PCN's para as práticas de leitura.....	18
<b>CAPITULO II</b> .....	22
2.1 Leitura: um desafio da escola para a formação do leitor competente e autônomo.....	22
2.2 A Leitura e suas finalidades.....	25
<b>CAPÍTULO III</b> .....	31
3.1 Recursos Metodológicos.....	31
3.2 Análise do estágio.....	32
3.3 Análise dos questionários.....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS</b> .....	42
<b>ANEXO</b> .....	43

## INTRODUÇÃO

Dada a necessidade de contribuirmos com a melhoria do processo educativo, desenvolvemos uma proposta de trabalho cujo tema é *Leitura: Semeadura de Conhecimento*. Sua importância rende o fato de melhor analisarmos as dificuldades encontradas por educadores e educandos no processo de ensino e aprendizagem da leitura.

Assim, com o intuito de tornar o ensino mais significativo temos como objetivos analisar as dificuldades encontradas pelos alunos no processo de aquisição da leitura, observar a criatividade do professor em atividades que envolvam a leitura, analisar a metodologia usada pelo professor para despertar no aluno o gosto pela leitura, investigar se o aluno compreende e desempenha-se na prática de leitura.

O que nos levou a elaborar tais objetivos foi a convivência com as dificuldades de aquisição da leitura em nossa prática docente, pois, sempre lidamos com alunos fora de sua faixa etária e com baixo nível a cerca da leitura, inclusive alunos retidos em anos anteriores.

Para melhor compreender a realidade a qual nos propomos investigar, optamos pelo estudo de caso, através da aplicação de questionários com educadores e educandos do ensino fundamental da Escola Municipal Agripino Fernandes das Chagas localizada na cidade de Vieirópolis, sobre a forma como os mesmos lidam com as dificuldades de ensino/aprendizagem da leitura.

Os dados obtidos através do estudo de caso estão dispostos em forma de texto. Na busca desta perspectiva foi imprescindível estudos teóricos para melhor compreender e aprofundar as questões acerca da leitura.

Na organização interna do nosso trabalho procuramos enfatizar no subcapítulo 01 (um), o papel da escola na formação dos leitores, ressaltando a necessidade da escola promover situações de leituras em que os educandos tornem-se capazes de ler e compreender todo e qualquer texto dentro e fora da escola. Seguindo a presente reflexão, apresentei no subcapítulo 02 (dois), a leitura para além da escola. Com base nesta idéia nos propomos destacar que um grande número de pessoas

está saindo das escolas alfabetizados funcionais, visto que as práticas de leitura das escolas estão contribuindo para um aprendizado deficitário. Partindo desse pressuposto, destacamos no subcapítulo 03 (três) o efeito escolas, evidenciado pela formação de leitores. Para isso, salientamos que não basta responsabilizar as aulas de língua portuguesa, pelo fracasso na aprendizagem da leitura, mas sim é preciso que haja uma efetiva integração de todas as áreas do conhecimento.

No subcapítulo 04 (quatro), destacamos as preciosas contribuições dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa e suas inúmeras possibilidades e importância para o trabalho diário com a leitura.

Dentre as inúmeras possibilidades propostas pelos PCN's está o que abordamos no subcapítulo 05 (cinco), que é o desejo da escola para a formação do leitor competente e autônomo. Para nos ajudar a entender o que a escola precisa fazer para formar leitores, verificamos brevemente as concepções psicolinguísticas e sócio- psicolinguísticas e suas implicações para o ensino da leitura.

Todas estas considerações impõem a necessidade de mostrarmos no último subcapítulo, a leitura e suas finalidades. Em detrimento disso, detalhamos as finalidades da leitura, como também as regras mais veneradas por alguns educadores quanto a aprendizagem da leitura. Por fim, destacamos o que as pesquisas nessa área assegura para um efetivo trabalho com a leitura.

Esperamos que esse trabalho conduza transformações nas escolas e proporcione principalmente mudanças de atitudes nos educadores. Mudanças que aconteça com a efetivação de uma política educacional capaz de atender as demandas de nossa sociedade.

## CAPÍTULO I

### 1.1 O papel da escola na formação de leitores

A evidência de uma série de pesquisas científicas realizadas nos últimos anos provocou alterações fundamentais no conhecimento da aquisição da leitura pelas crianças. Dentre essas alterações está inserido um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente e se tornem bons leitores. Formar leitores proficientes deve ser um dos grandes objetivos da escola. O pensamento Cagliari (1995) pode servir para confirmar essa asserção:

O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair bem nas outras atividades, mais for bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua atividade. (Cagliari; 1995. p. 148)

Compreender mensagens por meio da leitura é hoje, sem dúvida, uma exigência social mínima na qual a escola não pode ficar alheia. De acordo com Jean Foucambert. (1994, p.10), *a escola deve ajudar a criança a tornar-se leitor de textos que circulam no social e não limita-la à leitura de um texto pedagógico, destinado apenas a ensiná-la a ler.* Como, afinal, desenvolver nas crianças, o hábito da leitura? As ações deveriam começar na família. Mas, hoje, os pais dedicam pouco tempo à formação dos seus filhos e essa tarefa fica muito a cargo da escola, o que a torna mais complexa.

Segundo Cogliari (1995, p. 168), no mundo em que vivemos é muito mais importante ler do que escrever. A partir do pressuposto que a leitura é uma prática social, é evidente que o processo de formação de leitores deve começar com a alfabetização.

Ao entrar na escola o aluno já apresenta uma enorme bagagem de conhecimentos prévios que são imprescindíveis às suas leituras dentro e fora do ambiente escolar. Nesse sentido reporto-me as palavras de Kleiman (1995, p. 13) para melhor definir o

conhecimento prévio, segundo esta autora, *o leitor utiliza na leitura o que ela já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida.*

Dentro dessa mesma perspectiva quando a criança chega a escola já é um bom leitor do mundo. Essa aprendizagem de leitura deve ser considerada pelo professor e incorporada às suas estratégias de ensino.

Neste momento é interessante analisarmos que existe distinção entre ler e aprender a ler. Ler é estabelecer uma comunicação com os textos, buscando, compreendê-los.

A aprendizagem da leitura se efetua como uma atividade permanente que se enriquece com as novas habilidades a medida que se manejam textos cada vez mais abrangentes. Quanto mais lemos acerca do assunto, mais vão se tornando fáceis e cheios de significados as leituras.

Segundo Martins (1982, p. 25), *a leitura seria a ponta para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo.* Todavia não há como contestar o fato de que no contexto escolar as atividades de escrita recebem considerável preferência, a leitura é, portanto, vista como um momento posterior do processo.

De acordo com o exposto acima, reporto-me outra vez a Martins (1982, p. 28) quando diz que *o que é considerado matéria de leitura na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja que espécie for).*

É preciso fazer algo para que a leitura deixe ser um ato passivo e repetitivo, baseado na mera reprodução de sons e imagens; ou seja, para que deixe de ser uma leitura alienante.

A escola que deseja formar bons leitores precisa fazer com seus alunos entrem em contato com diversos tipos de textos, produzidos por pessoas diferentes, com diferentes visões de mundo e de opiniões, fazendo-o perceber, não como verdades absolutas, visto que um único texto admite tantas leituras quantas forem às pessoas que o lerem.

O universo da leitura envolve o ser humano por todos os lados, estimulando a aprendizagem, por ocasião da alfabetização esta tarefa ficou delegada a escola. Por mais que as escolas brasileiras tenham seus problemas, ela representa um enorme diferencial quanto a prática da leitura.

## **1.2 Leitura: formação para além da escola**

Um contingente numeroso de pessoas passou pelo processo de escolarização e tornou-se analfabeto funcional, ou seja, involuíram no conhecimento, pois deixaram de atualizar seu exercício de leitura, perderam de sua capacidade de ler.

Uma pesquisa do IBOPE sobre o analfabetismo funcional mostrou que 75% dos brasileiros não sabem ler nem escrever plenamente, 68% são considerados analfabetos funcionais, ou seja, não sabem interpretar nem compreender os textos que lêem.

Em meio a tantas formas de comunicação pelas quais somos bombardeados hoje em dia fica complicado para a escola formar bons leitores se ela for a única responsável por esta tarefa, pois poucos são os alunos que fazem habitualmente e por conta própria leituras de qualidade em seu cotidiano, ou seja, fora da escola.

Dentro deste contexto outro fator que contribui para o fracasso da escola em suas tentativas de formar bons leitores é que os próprios professores não sentem prazer na leitura, agindo desta forma os alunos não vão perceber a leitura como um ato prazeroso. É importante que as crianças tenham os adultos como modelos, e os professores precisam começar dando o exemplo.

Entre os livros e os leitores há importantes mediadores. O mediador mais importante é o professor, tornando-se figura essencial na história de cada um dos alunos. O professor precisa revelar-se um leitor dedicado, uma referência para seus alunos.

Pensar em leitura é enriquecer nossa experiência de vida através do convívio com os textos, no entanto, a escola precisa reduzir o tempo que gasta com exercícios gramaticais e fragmentados de textos e investir em leitura

A escola precisa avaliar se está formando leitores, basta que ela observe se seus alunos freqüentam bibliotecas por iniciativa própria, se tomam livros emprestados ou se compram, e finalmente se conseguem ler de forma independente das atividades escolares.

Partindo desses princípios é preciso analisar a seguinte indagação: Como formar pessoas leitoras se não houver um ambiente adequadamente para este fim?

Encaixa-se nessa moldura a concepção de Foucambert (1994, p. 34):

O aprendizado da leitura não depende da justaposição das escolhas de métodos que os docentes podem fazer, mas, sim, da organização geral da escola, da política coerente, que a equipe pedagógica decide adotar para o ensino em seu conjunto. Isso porque tais condições dependem de instrumentos que ultrapassem amplamente o âmbito da sala de aula. (Foucambert; 1994, p. 34)

Considero que as práticas de leituras que levam o aluno a adquirir comportamento alfabético, contribuem para um aprendizado deficitário o que acarretará problemas para os aprendizes. A esse respeito é adequado a definição de Cagliari (1995, p.148):

A grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até a pós-graduação, é decorrente de problemas de leitura. O aluno muitas vezes não resolve problemas de matemática, não porque não saiba matemática, mais porque não sabe ler o enunciado do problema. (Cagliari; 1995, p.148)

*Para este autor, tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado a leitura e depende dela para se manter e se desenvolver. (p.149)*

Neste momento é importante enfatizar que o objetivo com o trabalho da leitura é formação de leitores competentes, que sejam cidadãos capazes de compreender os diferentes textos que estão a sua volta.

Gostaria de chamar a atenção para o que diz os PCN's/LP,

“formar um leitor competente supõe formar alguém que compreende o que lê que possa apreender também o que não está escrito, identificando elementos explícitos; que estabeleça relação entre os textos que lê e outros já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto, que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos” (PCN’s/LP; p.54).

Seguindo nessa linha de pensamento, é preciso que de fato, para se formar leitores competentes a escola precisa romper as estruturas que mantêm o leitor dependente de outros no ato de ler. Nessa perspectiva, não é necessário que a criança espere aprender a ler para ter acesso ao prazer da leitura. Convém observar o que diz Cagliari (1995) a respeito disso:

A maneira como a escola costuma introduzir os alunos na leitura, através do bê-a-bá isto é, através das famílias silábicas pode acarretar problemas sérios para a formação do leitor. (Cagliari; 1995, p. 116)

É importante deixar claro que a aprendizagem da leitura, é gradual e contínua desenvolvendo-se durante toda a vida. Entretanto, para que haja uma efetiva aprendizagem a escola deve proporcionar aos aprendizes o desenvolvimento de estratégias que favoreçam as ações pelas quais o leitor vai guiar sua leitura.

Ler verdadeiramente implica, sobretudo, atribuir sentido ao texto o leitor precisa selecionar o que mais interessa para compreensão do texto; levantar hipóteses sobre o que há adiante, a partir do que já foi lido, ou seja, faz uma predição; faz inferências buscando compreender além do que está escrito e verifica suas suposições levantadas por inferência ou predição.

Também é preciso investir e levar os aprendizes a vivenciar modalidades de leitura; ler para buscar informações, ler para aprender algo, para resolver problemas do dia-a-dia, para se divertir e até sonhar.

Trabalhar na perspectiva de uma formação de leitores deve estimular práticas de leituras diversificadas, valorizando diferentes textos, em diferentes suportes,

mostrando os diversos níveis de significação que existe em cada texto, e que os mesmos proporcionam uma multiplicidade de interpretações.

Compreender um texto é buscar a cada nova leitura horizontes na interpretação, motivando o leitor a buscar novos significados no texto.

Normalmente costuma-se considerar um bom leitor aquele que compreende mais e melhor os textos que lê, entretanto, esse não é o perfil de um bom leitor, mas sim o bom leitor é aquele que sente gosto e prazer pela leitura. Sem o leitor o texto mostra-se apenas um amontoado de letras, palavras e frases sem significado.

O significado de um texto se constrói pela interpretação do leitor a partir de seu conhecimento de mundo. Silva (1995) aponta o que é preciso:

“[...] mais diálogo, mais liberdade para os alunos se expressarem, mais escuta e partilha de significados atribuídos aos textos, mais ligações entre aquilo que se vê e aquilo que se vive”. (Silva; 1995, p. 24)

É propor desafios aos aprendizes e ajudá-los a interpretar textos que possam provocar diferentes significações e contribuições para uma reflexão sobre as diversas modalidades de leitura e os procedimentos que elas requerem do leitor.

Para que o processo de aprendizagem de leitura tenha sucesso, também é preciso que a escola invista no trabalho com a variedade de gêneros de textos, o que favorece o desenvolvimento de sua competência leitora tornando-o capaz de ler e entender os diferentes textos que permeiam o seu dia-a-dia.

Sabemos que a aprendizagem é uma troca, interação e participação, nesse sentido podemos conceituar a leitura como um processo dialógico no qual autor e leitor atuam como sujeitos na produção de sentido para sua leitura, ou seja, estabelecem uma troca um dialogo. Freire (1986) lembra: *O dialogo sela o ato de aprender, que nunca é individual embora tenha uma dimensão individual* (p.14).

Segundo Kleimam (1989), “a leitura é um ato social, entre dois sujeitos-leitor e autor que interagem entre si”. O entrelaçamento entre autor e leitor garante a busca de

significado do texto. A escola precisa assumir uma nova postura frente à leitura, vista que são inúmeras as situações sociais que requerem procedimentos de leitura. Nesse sentido, ela precisa buscar na leitura a base de todo o aprendizado dentro e, principalmente fora dela, visto que a maior parte do conhecimento humano é obtida através da leitura.

### 1.3 Efeito escola: formação de ledores

A prática pedagógica tem nos mostrado que a escola continua formando pessoas ledoras, embora incentive e deseje formar estudantes leitores. Para melhor entender a diferença entre o ledor e leitor, me aproprio das palavras de Perroti (1999), de acordo com esse autor:

“O ledor prefigura aquele ser passivo, imobilizado, que pouco ou nada acrescenta ao ato de ler. O texto para o ledor não tem abertura, porque ele decifra apenas os seus sinais. O leitor, no entanto, é móvel e tem um olhar indefinido, errante e criativo sobre o texto, que se permite ler em suas linhas e entrelinhas, desenvolvendo seus sinais visuais e invisíveis.” (Perroti; 1999, p. 31-40)

Para melhor compreender as palavras de Perroti, observamos o que diz Martins (1982).

Enquanto permanecemos isolados na cultura letrada, não podemos encarar a leitura como instrumento de poder, dominação dos que sabem ler e escrever sobre os analfabetos ou iletrados. (Martins; 1982, p. 34)

Considerando as colocações acima penso que a escola que deseja formar alunos letrados precisa se inserir na cultura letrada visto que para essa autora “importa, antes começarmos a ver a leitura como instrumento libertador e possível de ser usufruída por todos, não apenas pelos letrados.”

As considerações de Martins (1982) ajudam a entender que a leitura se efetua nas diferentes áreas do conhecimento. Entretanto nas práticas tradicionais de ensino, subjaz a concepção de que a leitura sempre ficou a cargo das aulas de língua portuguesa.

Desta forma, reforço que a aprendizagem significativa dos processos de leitura só se efetua com a integração de todas as áreas do conhecimento e não apenas delegar essa responsabilidade as aulas de língua portuguesa.

De acordo com Busquets (1997 p. 58-59):

O parcelamento dos conhecimentos dificulta o estabelecimento de ligação entre eles, que é o que faz nascerem novas idéias. Dado as matérias tradicionais, que correspondem algumas disciplinas científicas atuais, não cobrem todos os campos do conhecimento atualmente necessários para que qualquer pessoa nem se quer o mais importante, torna-se impossível aglutiná-los em torno de temas fundamentais que correspondam aos interesses e necessidades dos dias de hoje. (Busquets; 1997, p. 58-59)

Nessa perspectiva aproprio-me das palavras de Aquino (2000, p. 22), para dizer que, “a leitura mecânica continua sendo exercida nas práticas escolares, produzindo lentas mudanças no processo de aprendizagem crítica”.

Retomando as idéias de Aquino (2000, p.39),

O que se observa, em algumas práticas de leitura no ensino, é o desinteresse pela formação de leitores críticos. O que há, na verdade, é um modo de ensinar e enxergar a leitura que iniba a curiosidade e a criatividade do aluno, cumprindo-se, assim, uma função ideológica, já que o ato de ler é uma das formas de aguçar o espírito crítico e de contestar a realidade. (Aquino; 2000, p. 39)

#### 1.4 As contribuições dos PCN's para as práticas de leitura

Nessa visão, é claro que se faz necessário que escola reavalie seus objetivos para um ensino de leitura, em consonância com as razões apontadas pelos PCN's (19: p. 64,65) para uma prática intensa de leitura na escola.

- ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada;
- estimular o desejo de outras leituras;
- possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação;
- permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escreve-se para ser lido;
- expandir o conhecimento a respeito da própria leitura;
- aproximar o leitor dos textos e os tornar familiares – condição para a leitura fluente e para a produção de textos;
- possibilitar produções orais, escritas e em outras linguagens;
- informar como escrever e sugerir sobre o que escrever;
- ensinar a estudar;
- possibilitar ao leitor compreender a realização que existe entre a fala e a escrita;
- favorecer a aquisição de velocidade na leitura;
- favorecer a estabilizações de formas ortográficas.

Além das razões descritas, o trabalho com a leitura deve ser diário, para isso inúmeras são as possibilidades. Para mostrar essas possibilidades reporto-me mais uma vez ao que diz os PCN's a respeito do trabalho diário com a leitura:

- de forma silenciosa, individualmente;

- em voz alta (individualmente ou em grupo) quando fizer sentido dentro da atividade; e
- pela escuta de alguém que ler.

A nosso ver cabe ao professor decidir a melhor forma e o melhor momento de utilizá-las em sala de aula. Nessas possibilidades aqui citadas é conveniente salientar a importância de cada uma delas:

No nosso entender o trabalho com a leitura silenciosa propicia oportunidades de levantar hipóteses, dúvidas e desenvolver a capacidade de concentração necessária a leitura, favorecendo mais a reflexão sobre o texto que está sendo lido. No tocante a leitura em voz alta, essa modalidade de leitura também propicia ao aluno o desenvolvimento da expressão oral, da pronúncia, da dicção e contribui para o aperfeiçoamento da fluência de leitura.

Essa outra modalidade de leitura oral através da escuta de alguém que ler é assim definida por Cagliari (1995, p. 155), *a leitura oral é feita não somente por quem ler, mas pode ser dirigida a outras pessoas, que também "lêem" o texto ouvindo-o.* É relevante salientar que essa modalidade de leitura precisa de sentido, pois a mera oralização dos sinais gráficos não pode ser denominada de leitura.

É importante ressaltar que essa modalidade de leitura pode ser feita pelo professor e pelos alunos. Convém ainda lembrar que antes do professor solicitar que o aluno faça a leitura em voz alta é preciso deixar antes fazer a leitura silenciosa, após essa leitura é conveniente que o professor resolva possíveis dúvidas quanto ao vocabulário para não criar situações de constrangimento quando mandar o aluno ler para a classe.

Em se tratando do trabalho com essas possibilidades de leitura em sala de aula os PCN's alerta que alguns cuidados são necessários. Vejamos o que o que diz os PCN's a respeito:

- Toda proposta de leitura em voz alta precisa fazer sentido dentro da atividade na qual se insere e o aluno deve sempre poder ler o texto silenciosamente, com tendência uma ou várias vezes;

- Nos casos em que há diferentes interpretações para o mesmo texto e faz-se necessário negociar o significado (validar interpretações), essa negociação precisa ser fruto da compreensão do grupo e produzir-se pela argumentação dos alunos. Ao professor cabe orientar a discussão, posicionando-se apenas quando necessário;

- Ao propor atividades de leitura convém sempre explicar os objetivos e preparar os alunos. É interessante, por exemplo, dar conhecimento do assunto previamente, fazer com que os alunos levantem hipóteses sobre o tema a partir do título, oferecer informações que situem a leitura, criar um certo suspense quando for o caso, etc;

- É necessário refletir com os alunos sobre diferentes modalidades de leituras e os procedimentos que elas requerem do leitor. São coisas muito diferentes ler para se divertir, ler para escrever, ler para estudar, ler para descobrir o que deve ser feito, ler buscando identificar a intenção do escritor, ler para revisar é completamente diferente ler em busca de significado a leitura, de um modo geral – e ler em busca inadequações – a leitura para revisar. Esse é um procedimento em todas as séries, variando apenas o grau de aprofundamento em função da capacidade dos alunos.

Outra importante modalidade de leitura e excelente estratégia didática para o desenvolvimento da competência leitora e a leitura colaborativa.

De acordo com os PCN's a leitura colaborativa é uma atividade em que o professor ler um texto com a classe e, durante a leitura questionam os alunos sobre os diferentes aspectos relacionados a compreensão do texto. (PCN's; 1997, p. 61)

Essa modalidade de leitura permite que os alunos utilizem de estratégias que o levem a compreender, refletir criticamente e atribuir sentido ao texto. Ao utilizar esta modalidade de leitura o professor estará conduzindo seus alunos a uma leitura

crítica, já que a capacidade de ler criticamente garante ao aluno condições para que ele possa interferir no meio em que está inserido. Para Suassuna (1995, p.52), *se o aluno ler sem o exercício da crítica, não há nada que lhe possibilite uma intervenção sobre aquilo que historicamente está posto.*

## CAPÍTULO II

### 2.1 Leitura: um desafio da escola para a formação do leitor competente e autônomo

Penso que é preciso habituar nossos alunos a fazer uma leitura heterogênea que atenda as características e as finalidades de cada texto. Proporcionar aos alunos a leitura de textos variados permite uma compreensão maior sobre o uso e as funções sociais da escrita, como também propicia ao aprendiz adentrar nos pensamentos alheios e conhecer outras maneiras de viver e de conhecer o mundo.

Não podemos negar que a instituição escolar realiza um trabalho com textos que prepara o educando para ler narrações, descrições, dissertações, etc. Entretanto, esse trabalho só tem cumprido uma função reprodutora. O que geralmente se constata é um fato de que os educandos aprendem apenas a reproduzir textos com regras fixas pré-estabelecidas numa linguagem distante da sua realidade, levando-o apenas a decodificar sem compreender.

*Em se tratando da leitura os professores ainda conhecem pouco das pesquisas atuais sobre a pedagogia da leitura, e se conhecem, tem dificuldades em colocá-las em prática (Coracine, 1995).*

Para constatar esse fato aproprio-me das palavras de Aquino (2000):

Submetido, durante toda sua escolarização a essas práticas destruidoras da capacidade criativa de ler, ao chegar a universidade, o jovem não tem um repertório que possibilite o seu mergulho nas idéias do texto, nas suas relações intertextuais e interdiscursivas. Ele não tem, portanto, a capacidade de ler a história no texto, de percorrer os labirintos que ligam um texto a outro e que constroem os sentidos da sociedade. O que é mais complicado ainda, é que, no interior na universidade, muitas vezes ocorre a reprodução das práticas anteriores. Repetem-se as mesmas estratégias redutoras, a mesma atividade mecânica de leitura. (Aquino; 2000, Introdução)

Transformar nossas práticas pedagógicas implica, além da busca teórica, redefinir um conjunto de valores que englobam ao só a educação, como também nossa forma de pensar sobre o mundo.

Como estudiosa do assunto, percebo o quanto é difícil construir um repertório de leitura, onde se possa fazer uma ponte entre teoria e prática, principalmente porque tive uma formação de nível básico completamente tradicional. Posso afirmar isso, apropriando-me das palavras de Aquino (2000):

Tradicionalmente, o ensino da leitura submete o sujeito a uma diretriz metodológica que, de um lado, preserve e reproduz os conteúdos incorporados e transmitidos, garantindo a manutenção da ordem vigente; do outro, estimula uma prática cerceia o sujeito no exercício de sua capacidade crítica. (Aquino; 2000, p. 39)

Atualmente exigem-se níveis de leitura diferentes e muito superiores aos que satisfizeram as demandas sociais até bem pouco tempo atrás e tudo indica que essa exigência tende a ser cada vez mais crescente. A escola, como espaço institucional de acesso ao conhecimento, necessita atender a essa demanda, e isso implica uma revisão significativa das práticas de ensino. Em outras palavras essa revisão deverá fazer com que o aluno dê continuidade ao aprendizado da leitura da escola através dos livros, jornais e revistas que vier a ler e ajudando a desenvolver-se mais como cidadão.

Tendo em vista o objetivo de desenvolver no aluno o gosto pela leitura a escola já terá dado um grande avanço para atingir outros objetivos de ensino.

As práticas de ensino de leitura na escola têm sido explicadas através de pesquisas de diferentes órgãos nacionais e internacionais que constataram os paupérrimos níveis de leitura no Brasil. Em decorrência disso surgiram muitas publicações no campo da educação e da formação de leitores. Surgiram também diferentes concepções que orientam a evolução das práticas de leitura. Diante dessas considerações são salientadas aqui as concepções psicolinguísticas e sócio-psicolinguísticas.

Segundo a concepção psicolingüística, a leitura é um processo não linear, dinâmico na interrelação de várias componentes para o acesso ao sentido do texto.

Entretanto a falta de socialização dos resultados de pesquisa em leitura tem provocado distorções no modelo psicolinguista, acarretando inadequações para a prática do ensino de leitura.

Essas inadequações são percebidas quando os professores vêem os erros das leituras dos seus alunos como prova de deficiência em leitura. Em outras palavras quando o aluno, ao invés de ler a palavra “módulo” ler “modelo” é porque não sabe ler. Não importa se o aluno compreende o sentido ou não.

É importante salientar que para a psicolingüística o leitor formula hipóteses durante sua leitura para adivinhar palavras, e durante a formulação destas hipóteses ele pode se equivocar.

A concepção sócio-psicolingüística concede a leitura de forma mais ampla, como uma atividade que se processa na interação, a distância entre leitor e autor, através do texto. Para esse modelo o leitor utiliza não só o conhecimento lingüístico, como também o conhecimento prévio para que possa compreender o texto.

Esse modelo também trouxe algumas implicações para o ensino de leitura, como por exemplo, estimular desafios no aprendizado inicial de leitura, fazendo com que os alunos precisem ler e escrever, apesar de não saber ler e escrever. Leva o aluno a perceber a relação entre a função das palavras, expressões, frases e a intenção do autor. Também desenvolve no leitor uma consciência crítica, que abrange a compreensão da produção de textos e sua função social.

O que foi exposto a respeito da psicolingüística e sócio-psicolingüística é apenas uma visão de como cada modelo concebe a leitura e as implicações que esses modelos trouxeram para o ensino de leitura.

## 2.2 A leitura e suas finalidades

Não obstante, faz mister enfocar aqui as funções sociais da leitura. Segundo as funções sociais da leitura, lemos para a ação o contato social, lemos para adquirir informação e lemos para entretenimento.

A primeira forma de leitura se realiza através de sinais públicos, como rótulos de produtos, manual de instruções, receitas, mapas, etc. A leitura para informa-se se realiza através de jornais, revistas, etc, e a leitura com o objetivo de entretenimento se efetua através de revistas, livros de ficção, quadrinhos, etc.

Segundo a pesquisadora (MIRANDA; 1992, 9.18-23), as crianças lêem para os seguintes fins:

1. Resolução de problemas práticos do dia-a-dia (conta de água, luz, telefone, carnês, cheques, etc.);
2. Auxílio a memória (endereços, telefones, anotações pessoais em calendários, agendas, receitas, datas de aniversários, listas);
3. Formalização de registros permanentes (carteira profissional, certidões, cartões, carteiras de consulta médica, escrituras de propriedades);
4. Aprendizagem, confirmação e veículo de atitudes, idéias e comportamentos (bíblias, folhetos religiosos e catequéticos, livros escolares, cadernos de receitas culinárias, recortes de mensagens que orientam, papeis de sociais femininos);
5. Obtenção de informações referentes a um contexto musical e social mais amplo (noticiais de jornais, boletins informativos da igreja, revista de conteúdo televisivo);
6. Troca de mensagens pertinentes a relações sociais com parentes, amigos e namorados (cartão de natal, de

aniversário, de nascimento, de batizado, cartas, poemas correntes anônimos de caráter religioso, afetivo e sexual);

7. Substituição de comunicações próprias do contato face a face (bilhetes para escola, para mercearias e bares, cartas com o fim de adquirir informações);
8. Controle e estruturação de encontros de grupos e associações (atas, balancetes, recibos, cânticos, orações e discursos);
9. Expressão de conteúdos socialmente reprimidos no âmbito da sexualidade, das relações amorosas, das drogas (texto de humor, brincadeiras, revistas e livros pornográficos);
10. Diversão (livros de bolso, revistas em quadrinhos, revistas eróticas, músicas, relatos diários).

Para Jolibert (1994, p.31), *a vida cotidiana está cheia de oportunidades de leitura e nosso problema está mais em encontrar tempo para tudo do que encontrar textos.*

Quanto a aprendizagem da leitura lamentavelmente ainda existe professores que a tornam difícil, pois não levam em conta que aprender a ler não é só uma das maiores experiências da vida escolar como também uma vivência única para todo o ser humano. Dificultar a aprendizagem de leitura significa impossibilitá-los de adquirir conhecimentos que desenvolva seu raciocínio, impedindo-lhe de participar ativamente da vida social.

Reporto-me outra vez às palavras de Jolibert (1994), para expor doze regras veneradas por alguns mestres quanto à aprendizagem da leitura.

1. Tenha como finalidade o domínio precoce das regras de leitura.
2. Cuide para que a fonética seja aprendida e utilizada.

3. Ensine as letras ou as palavras, uma por uma, certificando-se de que cada letra ou palavra é adquirida antes de passar para a seguinte.
  4. Tenha como objetivo principal, uma leitura palavra por palavra perfeita.
  5. Não deixe as crianças a adivinharem; pelo contrário, cuide para que elas leiam com atenção.
  6. Encoraje a falta de erros.
  7. Proporcione um feedback imediato.
  8. Detecte e corrija os movimentos incorretos dos olhos.
  9. Identifique os eventuais disléxicos e trate-os o mais cedo possível.
  10. Certifique-se de que as crianças aprendam a importância da leitura e a gravidade do fracasso.
  11. Aproveite as aulas de leitura para melhorar a ortografia e a expressão escrita; insista também para que as outras falem o mais corretamente possível.
  12. Se o método utilizado não lhe satisfazer, tente outro. Esteja sempre alerta para achar material novo e técnicas novas.
- (p. 19)

Diante desse quadro, é comum afirmar que o processo de ensino-aprendizagem das habilidades da leitura, considerado em seu sentido amplo, relativo ao desenvolvimento do educando em todos os seus aspectos, não constitui uma tarefa fácil. O que se observa geralmente é que quando as dificuldades são abordadas e discutidas, os problemas que deveriam ser solucionadas, quando muito são tratados de maneira superficial ou são transferidos para questões exclusivamente pedagógicas.

Em face de tais posturas, podemos observar que as dificuldades de ensino-aprendizagem continuarão a fazer parte do processo de leitura.

Tratar de problemas que afetam esse processo, é preciso, em primeiro lugar, que o educador conheça não só métodos pedagógicos, como também tenha conhecimentos técnicos específicos a respeito do assunto que ensina e o que o aluno está querendo aprender. Em segundo lugar, é preciso compreender que o aprendiz iniciante para adquirir as habilidades de leitura, precisa vivenciar uma etapa preparatória, tendo em vista que esta etapa faça parte do desenvolvimento natural da criança. Esse aprendizado natural comprova que antes de entrar na escola, muitas crianças já têm contato com a escrita, principalmente as crianças oriundas das grandes cidades, pois precisam saber ler, pelo menos placas de ônibus, números, nomes, etc. Isso reforça a necessidade de que a leitura trabalhada na escola seja ampla, não apenas aquelas limitadas aos textos das cartilhas.

Sabemos que várias concepções norteiam o conceito de leitura, provocando variações resultantes dos diferentes pontos de vista dos pesquisadores.

Em face disso, observo que muitas dessas concepções não contribuem para reverter e transformar a ação pedagógica.

Sem pretender apropriar-se das palavras de Cagliari (1995), é preciso atentar para o que diz este autor. Para ele, "a escola deve acompanhar a evolução do mundo." Visto que o mundo mudou e os hábitos de leitura também.

Penso que se vivêssemos em uma sociedade que fosse verdadeiramente comprometida com a educação e com o exercício pleno da cidadania, propiciaria condições para que o indivíduo desenvolvesse sua capacidade de fazer uso eficaz da linguagem.

Na minha concepção, as dificuldades concernentes ao ensino-aprendizagem da leitura, continuarão a perpetuar o fracasso da escola na tentativa de formar cidadãos capazes de atuar na sociedade criticamente. Nessa perspectiva, a escola só tem contribuído para a reprodução da ordem social. Em outras palavras, mantém valores e atitudes dominantes na sociedade.

Minha preocupação aqui se constitui diante de uma sociedade permeada de tecnologias e informações que a escola ainda não está preparada para lidar.

Diante da grande complexidade que é o ensino-aprendizagem da leitura, é fácil constatar que a escola, mesmo imbuída de bons propósitos, terá grandes desafios, visto que estamos vivendo em uma sociedade cada vez mais grafocêntrica. Isso nos remete dizer que esse desafio não está inerente as ações transformadoras das ações pedagógicas tradicionais.

Até hoje, não há como negar que a escola continua a preparar para a sociedade, indivíduos apenas “alfabetizados”. É preocupante isso, porque esse perfil de indivíduo não atende mais as necessidades de uma sociedade letrada como a nossa. DE acordo com Sole (1998, p. 32), “a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem. As propostas pedagógicas mais recentes têm mostrado que não basta introduzir o aluno no mundo da escrita, mas principalmente torná-lo um indivíduo letrado.

A fim de que seja assegurado um efetivo trabalho com a leitura, (Antunes, 2007, p. 13) nos alerta que pesquisas sobre essa área já concluem que é necessário esforço para assegurar:

- **convívio** contínuo com histórias, livros e leitores;
- **valorização** social da leitura pelo grupo social;
- disponibilidade de **acervo** de qualidade e adequado aos interesses, horizontes de desejos e aos diferentes estágios de leitura dos leitores;
- **tempo** para ler, sem interrupções; espaço físico agradável e estimulante;
- **ambiente** de segurança psicológica e de tolerância dos educandos em relação ao percurso individual de superação de dificuldades;

- **oportunidades para expressar**, registrar e compartilhar interpretações e emoções vividas nas experiências de leitura;
- o acesso à **orientação** qualificada sobre por que ler, como ler e quando ler. Para essa autora, esses são procedimentos pedagógicos que levam à formação de leitores.

## CAPÍTULO III

### Análise dos Dados

#### 3.1 Recursos Metodológicos

Estamos vivenciando um novo contexto pedagógico que considera a leitura um instrumento valioso para a apropriação do autoconhecimento e também do conhecimento do mundo exterior. No entanto o que temos visto é que a grande maioria dos educandos encontram dificuldade no processo de aquisição da leitura e estão saindo das escolas fora do nível de leitura que tanto almejamos hoje. Relataremos a seguir as atividades executadas em sala de aula com os educandos, onde aplicamos questionários, textos vídeos e exposição oral.

A execução desse trabalho se deu através de um estudo de caso, que de acordo com Matos identificamos como:

O estudo de caso é uma prática simples, que oferece possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados (Gil, in Matos, 2001).

Utilizaremos esse procedimento ao selecionarmos apenas um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e, conseqüentemente, aprofundando seus aspectos. (ROESE, in Matos, 2001).

Trata-se de uma Forma de investigação bastante utilizada nos cursos de pós-graduação, sobretudo pela facilidade operacional que proporciona. A alternativa de utilizar uma amostra reduzida faz com que modalidade de pesquisa se apresente como uma das mais populares entre os investigadores. (Gil, in Matos, 2001)

A realização de nosso trabalho se deu na Escola Municipal Agripino Fernandes das Chagas localizada na cidade de Vieirópolis. Colocamos em prática nossas atividades em uma turma de 5º ano do ensino fundamental com idade entre 10 e 16 anos.

### 3.2 Análise do Estágio

Iniciamos a primeira atividade expondo oralmente aos educandos a importância da leitura. Procuramos enfatizar nosso intuito em aplicar algumas atividades com os mesmos sobre leitura. Fizemos também alguns esclarecimentos quanto a organização, a aplicação e o desenvolvimento de todas as atividades que havíamos planejado para os mesmos.

Ressaltamos também a importância da colaboração de todos para que pudéssemos atingir nossos objetivos.

Depois de feitas todas estas considerações, demos início ao desenvolvimento de nossa primeira atividade que foi sobre adivinhas. Organizamos os educandos em cinco grupos e entregamos a cada grupo duas adivinhas e solicitamos que os mesmos lessem. Enquanto isso expusemos no quadro de giz em uma cartolina a solução de cada uma das adivinhas. Em seguida pedimos para que descobrissem qual a solução de cada uma das adivinhas.

Durante o desenvolvimento de nossa primeira atividade pudemos perceber que os educandos não sentiram grandes dificuldades em realizar a atividade, pois, os mesmos estavam em grupos e uns ajudaram aos outros.

Nossa segunda atividade foi a exposição da fábula: A cigarra e as formigas. Entregamos para cada educando o texto mimeografado e pedimos para que todos lessem silenciosamente. Após a leitura silenciosa do texto fizemos também a leitura oral através de uma projeção de transparência e desafiamos para que dissessem a moral e o ensinamento da fábula. Continuamos a instigar para que expressassem seus sentimentos e opiniões a respeito do que haviam compreendido do texto. Apenas alguns manifestaram sua opinião, enquanto que a maioria da turma permaneceu em silêncio. Neste momento pudemos perceber que a pouca manifestação das opiniões é consequência da falta de compreensão do que haviam lido. Observemos o que nos diz Solé(1998;p.99) sobre isso:

Se se trata de compreender um texto, aluno deve ter a oportunidade de lê-lo com essa finalidade; neste caso, deve haver uma leitura individual, silenciosa, permitindo que o leitor siga seu ritmo, para

atingir o objetivo "compreensão". Não se pode esperar que a atenção dos alunos (especialmente nas etapas iniciais de aprendizagem da leitura) distribua-se da mesma maneira entre a construção do significado e a necessidade de oralizar bem. Portanto, não parece muito razoável organizar atividades cuja única justificativa seja treinar a leitura em voz alta para depois querer chegar o que se compreendeu. (Solé;1998;p 99)

A terceira atividade desenvolvida surpreendeu um pouco a turma, pois, tratava-se de um tipo de texto que eles não reconheciam como sendo um texto. Quando entregamos a cada educando uma Bula de remédio a pergunta foi quase unânime: O que vamos fazer com isto?

Em seguida expusemos oralmente que a bula de remédio tratava-se de um tipo de texto muito importante chamado texto instrucional. Fizemos também uma discussão sobre a importância de lermos a bula de remédio antes de ingerirmos qualquer medicamento. Neste momento pudemos perceber que os educandos não tinham o hábito de fazer esse tipo de leitura.

Além da falta de leitura, percebemos também que os educandos não conseguem extrair desse tipo de texto informações mínimas como, por exemplo: indicações, contra-indicações, posologia, advertências etc.

Neste tipo de tarefa, a leitura é um meio que deve nos permitir fazer algo concreto: ler as instruções de um jogo, as regras de uso de um determinado aparelho, a receita de uma torta, as orientações para participar de uma oficina de experiência etc.

Quando se lê com o objetivo de "saber como fazer "..., é imprescindível compreender o texto lido, e no caso de se fazer uma coisa coletiva, deve-se garantir que essa compreensão seja compartilhada. Assim, no caso anterior, o leitor seleciona o que precisava ou não ler, enquanto agora é absolutamente necessário ler tudo e compreendê-lo como requisito para atingir o fim proposto.(Solé;1998 p.94).

Para o desenvolvimento de nossa quarta atividade levamos para a sala de aula um filme com o conto "O rei leão" e apresentamos para os educandos. Logo após a apresentação, discutimos o filme, sua temática abordada e pedimos para que os mesmos contassem oral e individualmente o conto assistido. Na ocasião

averiguamos que muitos sentiram uma grande dificuldade de se expor oralmente. Notamos claramente neste momento que eles não cultivam o hábito de se expor oralmente em sala de aula.

Na quinta atividade sobre trava-língua optamos por fazer um círculo na sala. Em seguida expusemos no quadro de giz cartazes com vários trava-lingua. Pedimos para que lessem os cartazes oral e individualmente. Como sabemos esse tipo de leitura torna-se cômica para quem lê e escuta, neste momento não foi diferente. Inúmeras tentativas foram feitas para se fazer uma leitura fluente, mas poucos conseguiram ler com êxito. Durante a realização desta atividade percebemos que os educandos reconheceram que este tipo de leitura diverte, mas que exige muito treino. De acordo com Martins (1984; p.84), *cada leitor tem de descobrir, criar uma técnica própria para aprimorar seu desempenho.*

Através da apresentação oral do conto "Chapeuzinho Vermelho", iniciamos nossa sexta atividade. A princípio descobrimos que este conto já era bastante conhecido pelos educandos. O que facilitou explorar o conhecimento prévio dos mesmos. Posterior a leitura oral e a exploração dos conhecimentos prévios, propusemos a exposição oral de comentários sobre o texto.

Como se tratava de um texto já conhecido, os discentes não demonstraram muita dificuldade para compreendê-lo. Observamos apenas que os educandos demonstraram insatisfação com o desfecho diferente do que eles conheciam.

Iniciamos nossa sétima atividade com um texto intitulado de: O diamante. Entregamos a cada educando uma cópia mimeografada do texto e pedimos para que lessem silenciosamente. No momento seguinte procuramos sondar o que haviam compreendido a respeito do texto instigando-os para que manifestassem seus pontos de vista. Percebemos que sem a leitura oral feita pelo professor o nível de compreensão da turma é mínimo. Sem dúvida a exposição do professor é fundamental, talvez para a maioria a única forma de compreender o texto. Muitos educandos lêem com muita dificuldade, o que retarda ainda mais a compreensão. Para Cagliari (1995; p.159), *a escola comete uma injustiça com as crianças não e sé levando em conta essa sua dificuldade, muito real ria, que é a decifração da leitura.*

Na oitava atividade propusemos mais uma vez a leitura de outra fábula cujo título é: A lebre e a tartaruga. Para esta atividade nosso intuito era estimular a prática da oralidade visto que, havíamos constatado nas atividades anteriores que os educandos não têm muitas oportunidades de exercitá-la. Solicitei aos educandos que lessem silenciosamente a fábula duas ou três vezes tentando memorizar. Em seguida Contariam oralmente para toda a turma.

É importante ressaltar aqui que nem todos na turma conseguiram memorizar e contar a fábula. Houve aqueles que leram memorizaram, mas que recusaram a se expor. Observamos que também há os que não se expuseram porque não conseguiram ler e compreender o texto. Aqui é importante nos reportarmos outra vez as palavras de Solé (1998; p 42)

Para que uma pessoa possa se envolver em uma atividade de leitura é necessário que sinta capaz de ler, de compreender o texto que tem em mãos; tanto de forma autônoma como contando com a ajuda de outros mais experientes que atuam como suporte e recurso. De outro modo, o que poderia ser um desafio interessante elaborar uma interpretação adequada pode se transformar em um ônus e provocar o desânimo, o abandono, a desmotivação. ( Solé; 1998 p.45)

Abrimos a nona atividade aplicando um treino ortográfico. Ditamos as palavras e pedimos para que os educandos escrevessem uma abaixo da outra. Em seguida fizemos uma leitura coletiva das mesmas. Propusemos que eles conferissem no dicionário se grafaram as palavras corretamente, como também que escrevessem os seus respectivos significados. Neste momento aproveitamos a oportunidade e constatamos que a grande maioria da turma não conseguiu grafar corretamente quase nenhuma palavra até mesmo aquelas cuja grafia é simples.

Achamos por bem reforçar a correção das palavras no quadro de giz escrevendo-as uma a uma. Constatamos neste momento que mesmo depois de duas correções vários educandos continuaram a grafar as palavras errado.

A décima atividade colocada em prática foi uma Biografia. Através do retroprojeto expusemos o modelo de uma e todas as informações contidas nela. Em seguida organizamos os educandos em duplas e solicitamos o dos mesmos que

fornecessem entre se alguns dados pessoais. A medida que as informações fossem fornecidas todos teriam que anotá-las no caderno e em seguida elaborariam um pequeno texto biográfico do colega.

Ao realizarem esta atividade notamos a dificuldade que os educandos tem em produzir textos. Alguns não souberam sequer anotar no caderno as informações com os dados pessoais do colega. Mesmo com dificuldades alguns educandos conseguiram produzir o texto conduzido sob nossa orientação.

Finalizamos a execução dessa atividade com a apresentação oral e individual das biografias produzidas. Essa atividade chamou a atenção dos discentes, visto que se tratava de sua vida pessoal que estava sendo exposta. Ressaltamos ainda que nem todos se dispuseram a apresentar o texto oralmente.

Com esta atividade encerramos nossas apresentações. Procuramos junto com os discentes avaliar a contribuição dessas atividades para o desenvolvimento dos mesmos. Entretanto gostaríamos de ressaltar que não foi possível a aplicação de todas as atividades que havíamos planejado devido ao calendário de atividades da própria escola.

### **3.3 Análise dos Questionários**

Nossas aplicações iniciaram-se em outubro de 2007, na Escola Municipal Agripino Fernandes das Chagas. Nossa pesquisa teve como intuito identificar as dificuldades encontradas por professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem da leitura. Para isso elaboramos e aplicamos questionários como forma de averiguar o nível de conhecimento a cerca da temática em questão.

No primeiro questionário perguntamos aos docentes quais eram as causas do baixo nível de leitura dos alunos? E como solucionar? A docente M.J respondeu que é a falta de estímulo por parte dos pais, e também quando a leitura torna-se uma obrigação, uma imposição e não algo prazeroso. Para a professora J.A o desinteresse de um modo geral, a falta de estímulo e os hábitos do meio que ele

vive a família. Ela apontou que a solução seria o incentivo a leitura através de histórias infantis aparentemente inocentes, mostrando que a leitura é algo prazeroso e também lhes indicando boas fontes.

Percebemos que tanto M.J como J.A tem posicionamentos semelhantes, pois as mesmas apontam que uma das causas do baixo nível de leitura dos alunos é a falta de apoio da família, principalmente dos pais. Em seguida perguntamos o que elas achavam mais importante ler e decodificar ou ler compreender? Tanto M.J quanto J.A responderam que sem dúvida alguma ler e compreender é mais importante. M.J ainda acrescentou que um dos objetivos da leitura é a compreensão que se faz dela.

Perguntamos também se elas se consideravam um exemplo de boas leitoras. M.J colocou que a pergunta que foi bem coerente com sua resposta, pois, a mesma se considera apenas uma boa e não ótima leitora. Ela ainda acrescentou que quando foi alfabetizada a leitura tinha uma única finalidade, a decodificação. Hoje tem grande dificuldade compreender textos mais complexos e precisa lê-los até três vezes para obter total entendimento. J.A respondeu que não é uma leitora assídua, mas lê dentro da medida do possível. A docente colocou ainda que seleciona suas leituras de acordo com as necessidades do seu dia-a-dia.

Fazendo um paralelo da resposta de ambas as docentes, percebemos que elas não cultivam o hábito de ler freqüentemente e que suas leituras se limitam apenas a atender suas necessidades. De acordo com (Solé 1998;p100), *sempre é preciso ler com algum propósito e que o desenvolvimento da atividade de leitura de ser relacionado com algum propósito.*

Indagamos ainda as educadoras sobre qual preocupação tinham na escolha dos temas de leitura. M.J disse que se preocupava em oferecer livros e materiais que estivessem próximos da realidade dos educandos. J.A respondeu que procurava oferecer textos chamativos que convidasse os educandos a adentrar no texto.

Analisando as colocações das educadoras, podemos observar que há uma preocupação em comum, a de oferecer aos educandos algo que lhes chame a atenção.

Finalmente perguntamos o que elas achavam da escola que se preocupava com a escrita e dá pouca ênfase a leitura. A educadora M.J colocou que a escola não está formando leitores, mas simplesmente decodificadores. J.A respondeu que a escola está na contra mão do tempo e da razão. Ela ainda acrescentou que o exercício da leitura é o caminho primordial para o conhecimento.

Avaliando o posicionamento das educadoras podemos afirmar que no tocante a leitura elas confirmam o que as estatísticas tem mostrado, que a escola realmente não tem cumprido com o seu papel de formar cidadãos leitores dentro e fora dela.

Dando seqüência a nossa pesquisa aplicamos também um questionário com 42 educandos do 6º ano do ensino fundamental. Optamos por selecionar alguns questionários para que pudéssemos melhor analisar os resultados.

Inicialmente indagamos como eles se sentiam quando ganhavam um livro de presente. Dos questionários analisados todos responderam que nunca haviam ganhado nenhum livro de presente. Enfatizaram apenas o recebimento dos livros didáticos no início do ano letivo, mas teriam que devolvê-los.

Em seguida perguntamos como eles se sentiam quando gastava seu tempo livre lendo. Apenas a aluna T.S respondeu que se sentia como se estivesse fazendo u viagem. Todos os demais responderam que não liam durante seu tempo livre.

Perguntamos também se eles achavam que iriam gostar de ler quando fossem maiores. T S respondeu que já gostava de ler. R.K disse que nunca iria gostar de ler. M. A e F.V colocaram que talvez poderiam chegar a gostar de ler quando fossem maiores. Prosseguimos indagando aos educandos como eles se sentiam quando iam a uma livraria. Todos foram unânimes nas respostas e disseram que nunca tinham ido a uma livraria.

Continuamos a perguntar como é que se sentem quando alguém lê uma história para eles. T.S respondeu que adorava ouvir histórias, mas que só as ouvia quando a professora contava. R.K. disse que também gostava muito e que sua mãe sempre costumava contar histórias bíblicas para ela. M A respondeu que dependia da história para que ela pudesse gostar. F.V disse que sentia como se estivesse vendo os próprios personagens.

Novamente perguntamos aos educandos se quando eles iam a casa de um amigo gostava de ler os livros dele. Tanto T.S quanto R.K, F.V. e M.A responderam que a casa dos amigos que costumava freqüentar não tem livros.

Fizemos finalmente a última indagação no intuito de descobrir como é que se sentem quando alguém lê poemas para eles. Todos os educandos responderam que não costumavam ouvir alguém lendo poemas para eles, e que raramente a professora exercia essa prática.

Analisando as colocações dos educandos, constatamos que suas respostas são reflexos da realidade a qual estão inseridos. São de origem humilde, filhos de pais analfabetos e de pouquíssima condição financeira. Esses são alguns dos indicativos que tem contribuído para uma aprendizagem deficitária.



ampliar sua visão de mundo e enriquecer seu conhecimento, para tornar-se capazes de interferir no meio em que está inserido e modificar sua realidade.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANTUNES, Walda de Andrade. **Lendo e formando leitores: orientação para o trabalho com a literatura infantil**. São Paulo: Global, 2007.

AQUINO, Mírian de Albuquerque. **Leitura e Produção: desvelando e econstruindo textos**. João Pessoa : UFPB, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parametros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997.

BUSQUETS, Maria Dolores et al. **Temas Transversais em educação: base para uma formação integral**. São Paulo: Ática, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo, Scipione, 1995.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo, Perspectiva, 1995.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**; Trad. Bruno Charles Magno – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia, o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor. Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, Pontes, 1989.

MIRANDA, Marildes marinho. **Os usos da escrita no cotidiano. Leitura: teoria e prática**. 11(18-23). Porto Alegre: Mercado Aberto/ALB, 1992.

PERROTI, Edmir. **Leitores, ledores e outros fins (apontamento sobre a formação do leitor)** In: PRADO, J.; CONDINI, P. (org.) **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999, pp. 31-40.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **A produção de leitura na escola. Pesquisas e propostas**. São Paulo, Ática, 1995.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SUASSUNA, Livia. **Ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem programática**. Campinas: Papirus, 1995.

MATOS, Kelma Socorro Lopes. **Pesquisa Educacional. O Prazer de conhecer**. Edições Demócrito Rocha. Fortaleza, 2001.

# ANEXO

Universidade Federal de Campina Grande

Centro de Formação de Professores

Unidade Acadêmica de Educação

Cajazeiras – Paraíba

Caro (a) professor(a)

Solicitamos a você que responda o questionário que segue. O mesmo faz parte de um estudo sobre a leitura, como requisito indispensável para a disciplina Estágio Supervisionado em Docência, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande/PB.

Ressaltamos que suas respostas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos e serão mantidas em absoluto sigilo.

Esperamos contar com a sua colaboração.

Atenciosamente:

Francisca Vieira Barbosa

Questionário do Professor:

- 1) Quais são as causas do baixo nível de leitura dos alunos? E como solucionar?
- 2) Na sua opinião o que é mais importante ler e decodificar ou ler e compreender?
- 3) Você se considera um exemplo de bom leitor?
- 4) Qual é a sua maior preocupação na escolha dos temas de leitura?
- 5) O que você acha da escola que se preocupa com a escrita e dá pouca ênfase a leitura?

Questionário do Aluno:

Nome:

Série:

- 1) Como você se sente quando ganha um livro de presente?
- 2) Como você se sente quando gasta seu tempo livre lendo?
- 3) Você acha que vai gostar de ler quando for maior?
- 4) Como você se sente quando vai a uma livraria?
- 5) Como você se sente quando lêem uma história para você?
- 6) Quando vai à casa de um amigo, gosta de ler os livros dele?
- 7) Como se sente quando lêem poemas para você?